

## Atelier, arte, educação e deficiência: enfrentamentos com o dissenso

Daniele Noal Gai<sup>1</sup>  
UFRGS  
Wagner Ferraz<sup>2</sup>  
UFRGS

**Resumo:** Este texto foi extraído de uma experiência no Curso de extensão intitulado “Atelier, arte e educação: espaços de fuga da deficiência na deficiência em Arthur Bispo do Rosário e Manoel de Barros”. Curso que se deu a distância e que se propôs pensar a marca da deficiência. Aproximou, via plataforma Moodle, artistas, curiosos, professores do ensino comum, educadores especiais e estudantes de pós-graduação e licenciatura em formação. O grupo envolveu-se com: leituras de filósofos da diferença; com a escrita criacionista; com a composição de poesias; com a potencialidade da criação; com a invenção de proposições e de artes possíveis de serem compartilhadas virtualmente. Com inventividade, se quis - na poesia e nos fios das artes visuais, na música, no cinema, na fotografia, na literatura - criar rumos para o embate com o dissenso.

**Palavras-chave:** Arte; educação; deficiência.

"...que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós."

[Manoel de Barros]

Este texto foi extraído de uma experiência no Curso de extensão intitulado “Atelier, arte e educação: espaços de fuga da deficiência na deficiência em Arthur Bispo do Rosário e Manoel de Barros”. Curso que se deu a distância e que se propôs pensar a marca da deficiência. Pretendeu-se explorar um espaço de leitura, estudo e experimentação acerca da marca da deficiência num cruzamento de relatos em rizoma, que entrecruza a arte e a educação. Explorou-se os artefatos visuais produzidos pelo artista Arthur Bispo do Rosário e artefatos literários produzidos pelo poeta Manoel de Barros para problematizar e potencializar fugas (im)possíveis.

Nos encontros virtuais foi possível: ler sobre, estudar a respeito, ouvir falar, saber através dos colegas, visitar via web, conhecer virtual ou presencialmente, comprar livros, procurar catálogos e experimentar as obras plásticas e a biografia de Arthur Bispo do Rosário, assim como a obra e a vida de Manoel de Barros. Perverteu-se, mas, proporcionou-se um espaço de discussão sobre a marca da deficiência e os processos inclusivos.

---

<sup>1</sup> Professora Assistente da Universidade Federal do Pará em Exercício Provisório na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua nas Áreas de Educação Especial e Psicologia da Educação. E-mail: daninoal@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: ferraz.wagner@gmail.com

Esta proposta de Curso/ação de extensão quis propor (re) pensar alguns rótulos, algumas marcas, alguns lugares escolhidos previamente e destinados ao outro, ao estranho, àquele que tem um déficit, àquele que apresenta deficiência. No caso específico deste esboço, o outro que carrega a marca do déficit de aprendizagem. Esse outro é um sujeito que não está "preso" a tal marca determinadora do seu "nível intelectual".

Corroborou-se que a arte é potencial para produzir espaços de fuga e devires outros de alunos com deficiência que estão incluídos no ensino comum. Estabelecemos "conversações com" e nos perguntamos o seguinte: Bispo do Rosário foi um louco-artista? Manoel de Barros sofre de uma doença incurável, é poeta-vagabundo? Bernardo da Mata é um mudo heterônimo do dialeto manoelez? Com quantos fios, aos moldes Bispo do Rosário, se criam paradoxos? É possível idiodiagnosticar aos moldes Manoel de Barros?

A essas perguntas (para abrolhar e mentir algumas respostas): o grupo de ateliandos produziu poesia, biografias, procurou alguns catálogos, fez visitas a museus, criou alguns vídeos e produziu inúmeras fotografias. Isso fez com que ampliássemos as problematizações: as relações entre imagens e textos são discursos que se colocam uns sobre os outros? O texto narra uma imagem? A imagem apenas ilustra um texto? A imagem fala por si e o texto afirma escolas, teorias, discursos e sensações? A imagem necessita legendas, por isso utilizamos ambas como referenciais de criação?

Absolutamente não. Concluímos que imagem e texto se interconectam quando nos remetemos à enunciação e à criação em ambiente virtual, por exemplo. Via plataforma moodle, constatamos, as imagens e os textos serviram como formas de produzir sensações em perceptos e afetos. Nos links de imagens e textos vinham justaposto, "linkados" e bagunçados: as cores musicais, as cores sensoriais, as fabulações e concatenações daqueles que as produziam.

Consideramos que imagem e texto, neste caso específico, que as artes visuais e a literatura, são interconexões que falam de "conversas com", de conversações, de entrecruzamento entre arte (imagens e textos), de maneira que são encontros distintos e constitutivos, mais do que prescritivos. Pôde-se, assim, com a justaposição de imagem e texto perceber o inefável como poesia, reparar com olhar sensível o que se considera difícil de expor em palavras, dar atenção ao que escapa aos olhos...

Ou seja, aqueles ateliandos puderam incitar dispositivos de produção de subjetividades, produzindo a ressingularização individual e/ou coletiva daquele que carrega a marca da deficiência. A arte de Arthur Bispo do Rosário e de Manoel de Barros permitiu ao grupo explorar os déficits como potência. Justamente por não se saber o que pode um corpo - como diria Deleuze transcrevendo Espinosa - nem se querer saber o que pode um corpo com deficiência, tampouco demarcar devires ou subjetivações para aquele que carrega esta marca.

A arte como dispositivo de conversação pode remeter a múltiplos contextos e estabelecer outras relações com quem a confronta, pode situar e também potencializar devires através da narração, além de convidar aquele que a experimenta para participar como tríade na composição e conversação. A arte produz espaços de fuga e devires outros de alunos com deficiência que estão incluídos no ensino comum. Parece-nos, que oferecer fios, compartilhar textos, trocar vídeos, é um rumo para descristalizar partículas sólidas da educação.

Foram tantas propostas, algumas "viagens" difíceis de serem propostas ao grupo virtual, e imaginamos que também complicadas de serem realizadas e postadas pelos ateliandos num ambiente virtual. Foram muitos dias e tantas semanas com contribuições fora de órbita, contra a norma, irreverentes, fortemente planejadas, displicentemente fotografadas, contrariamente realizadas, desejadas com força, compiladas cuidadosamente, plagiadas e replagiadas, revestidas de potência e arte, escambadas no grupo, trocadas com os de fora do grupo, emendadas com as que já tínhamos armazenadas, inventadas instantaneamente, criadas por todos e cada um...

Foram convidados a dar a ver, a dar a pensar, a dar a mostrar, a dar a fazer, a dar a propor, a dar a se contradizer, a dar a repensar, a dar a pensar em aceitar, a dar a pensar em respeitar, a dar a pensar a artistar e educar, a dar a pensar em artistar e incluir... E, as respostas virtuais foram compatíveis com as intenções iniciais do Curso/ação de extensão, com o esboço dum planejamento, com o desenho e o protótipo reminiscente: como nos artistamos a distância e sem nos perder totalmente do grupo virtual? Como revertemos a necessidade da obrigatoriedade da permanência, da obrigatoriedade da cronologicidade, da necessidade de conclusão, da obrigatoriedade de uma resposta, de uma avaliação certa para as respostas incertas? Como pensar em quem aprende diferente sem pensar em espaços diferentes, muito e fortemente diferentes, múltiplos, dinâmicos,

diversificados? Como pensar em corpos que se compõem, em gentes que só podem se compor pelo meio, tal rabo de lagartixa? Como pensar em gentes que não prendem seus rabos a diagnósticos, a prognósticos e excedem, enfurecem e vazam?

É importante que a partir desta atividade de extensão consigamos nos dedicar com olhos famintos e desejos atentos ao nosso elo e objetivo: a deficiência. É importante pensar espaços de fuga da deficiência na deficiência! É importante pensar brechas, rachaduras, veios, vincos, um vezo de fuga para aquele que carrega a marca da deficiência. É importante compor ela com ela, ela com outras, pensar justaposições de diagnósticos, duvidar de marcas, duvidar de diagnósticos, suspeitar de nós mesmos quando nos vemos diante do estranho, daquele que carrega a marca da incapacidade e do déficit. É importante pensar em potência em potencialização de vida, embora por vezes esta vida não queira, mesmo que por vezes este corpo seja o que é, e não queira ser impulsionado ou remexido por outros corpos. É importante não sermos relapsos, nem radicais, nem extremistas ao pensar e criar estratégias para a educação de pessoas com deficiência. É importante, portanto: não procurarmos moderações leves, graves, severas, complexas de déficit; não procurarmos quem pode e quem não pode ir à escola; não procurarmos quem pode e quem não pode aprender; não procurarmos quem pode e quem não pode interagir com outros; não procurarmos quem pode e quem não pode ser incluído ou excluído... É importante seguir confabulando!

## **Referências:**

BARROS, Manoel. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

CORAZZA, Sandra Mara. *O docente da diferença*. Disponível em: <[http://www.febf.uerj.br/periferia/V1N1/sandra\\_corazza.pdf](http://www.febf.uerj.br/periferia/V1N1/sandra_corazza.pdf)>. Acesso em: 10/03/2011

COSTA, Cristiano Bedin da. e ROSA, Marcele Pereira da. *Escrita sobre nada*. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/015e2.pdf>>. Acesso em: 10/03/2011.

DELEUZE, Gilles & GUATTARRI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol 3*. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia Leite de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996.